

CORONEL CHRISTIANO KLINGELHOEFER

Autoria de **Guardiões de 32** (*)

O **Coronel Christiano Klingelhoefer** foi o grande comandante da frente de combate de Buri/SP e Campina do Monte Alegre/SP. Também foi herói brasileiro condecorado por sua atuação na Primeira Guerra Mundial junto a Legião Estrangeira da França.

Christiano Hollocombe Von Moser Klingelhoefer foi um militar, engenheiro e fazendeiro carioca, nascido em 6 de junho de 1874.

Era filho mais velho do comendador Adolpho Frederico Hollocombe Von Moser Klingelhoefer e America Lopes de Gommensoro Klingelhoefer. Era também sobrinho-neto do primeiro Visconde de Moser.

Seu pai foi vice-cônsul brasileiro na França durante o reinado de Dom Pedro II, e por conta disso realizou toda a sua formação escolar e superior naquele país, e parcialmente na Prússia. Fez seus estudos superiores na Ecole Polytechnique sediada em Paris, onde lá se diplomou em engenharia.

Em meados da década de 1890 retornou ao Brasil e ingressou como oficial militar na então Guarda Nacional (que em 1918 foi incorporada ao Exército Brasileiro e extinta em 1922), corporação que esteve envolvida nos principais conflitos ocorridos durante a República Velha (1889-1930), como a Guerra de Canudos (1897) e a Guerra do Contestado (1913-1916). Paralelamente a sua carreira militar, era também um próspero e influente fazendeiro produtor de café, na cidade de Jaú-SP.

Em abril de 1895 se casou com Maria Carlota de Arruda Botelho (1872-1946), filha de Antonio Carlos de Arruda Botelho, o conde do Pinhal, e de Ana Carolina de Oliveira, a condessa do Pinhal. O casal teve dois filhos, ambos mortos em 1934.

Em 1909, o então tenente-coronel da Guarda Nacional se tornou adido da Missão Militar Francesa no Brasil que atuou sobre a Força Pública de São Paulo (FPSP), ocasião em que ficou subordinado ao Chefe da Missão, o coronel Paul Balagny.

Era monarquista e próximo da família real brasileira então exilada na França, tendo feito lá diversas visitas ao Conde E'u e a princesa Isabel.

Consta em seus registros que atuou em combate na Primeira Guerra Mundial, por meio da Legião Estrangeira, onde foi comissionado capitão, lotado no 3º Regimento de marcha do 1º Estrangeiro, tendo atuado no Marrocos e também nas trincheiras da França, incluindo a Batalha do Somme, onde foi ferido por uma granada. Por esta atuação, foi condecorado pelo governo da França com a Légion d'honneur (1916) e a Cruz de guerra (1916).

O coronel Francisco Alfieri (Chefe do Estado Maior da Força Pública de São Paulo em 1932) foi outro comandante da Revolução Constitucionalista também veterano da Primeira Guerra Mundial, tendo atuado no front austríaco.

Na Revolução de 1924, Klingelhoefler atuou no comando de unidades legalistas que defenderam a capital paulista e a sede do governo estadual durante a ofensiva rebelde.

REVOLUÇÃO DE 1932

Em 1932 era coronel da reserva do Exército e participou ativamente nas conspirações que antecederam o levante de 9 de julho de 1932, incluindo a "abrilada" ocorrida em 28 de abril do ano anterior. Semanas antes do levante foi um dos responsáveis por realizar alistamentos de voluntários por todo o Estado.

A sua atuação na Revolução de 32 foi na qualidade de comandante do Destacamento paulista respectivo da região de Buri, Lygiana (Campina do Monte Alegre), Capão Bonito e toda a região do Alto do Paranapanema, onde lá esteve envolvido diretamente nos principais combates, incluindo a Primeira e a Segunda Grande Batalha de Buri (26-27 julho e 15-16 de agosto, respectivamente).

Foi ele também o responsável por retirar as tropas paulistas de Itararé, na tarde de 18 de julho de 1932, que por pouco não foram envolvidas e massacradas por tropas gaúchas que já manobravam pelo "Passo Cypriano" (norte de Itararé) buscando envolver os paulistas e cortar a sua retaguarda. Até então aquelas unidades eram comandadas pelo Tenente-coronel da FPSP Pedro de Moraes Pinto e estavam em posições mal guarnecidas (dado a crença do apoio dos gaúchos).

Estas unidades, após um breve confronto, entraram em debandada para a retaguarda e estavam na iminência de serem cercadas pela cavalaria gaúcha. Klingelhoefler foi enviado à Itararé para assumir o comando do Destacamento e ao constatar a posição insustentável, deficiência bélica e o

pânico geral deu a ordem de recuo para Ibity, dali para Faxina (atual Itapeva) e dias depois para Buri, onde nessa cidade veio a assumir o comando de todo o Setor Sul o cel. Brasília Taborda, que conseguiu com sucesso organizar naquela localidade a defesa paulista na última semana de julho. O cel. Klingelhofer chegou a ocupar interinamente a Chefia do Estado Maior do cel. Taborda, que logo depois foi entregue ao capitão de Exército Joaquim Justino Alves Bastos.

Depois que Taborda assumiu o comando de todo o Setor, e Klingelhofer o Destacamento respectivo a Buri, os ditatoriais não mais tiveram vitórias fáceis, tendo amargado muito atrito de combate e numerosas baixas, embora a imprensa governista fizesse questão de omitir.

No Setor Sul, em cerca de 70 dias de conflito, os ditatoriais lá avançaram apenas 20 km além de Buri, numa disputa entre 15 mil ditatoriais bem armados contra apenas 5 mil paulistas (!!!) mal armados. Até a retirada geral dos paulistas, ocorrida ali na madrugada de 3 de outubro, os ditatoriais permaneciam contidos em toda extensão do Rio Paranapanema. Com o conflito Klingelhofer foi preso.

Em 18 de setembro de 1935, o então veterano de 32 relatou, em entrevista ao Correio Paulistano, as razões da queda de Itararé e o resumo de sua atuação no setor sul:

Tratarei inicialmente da tão falada queda de Itararé – disse-nos – que os nossos adversários disseram ter tomado a bayoneta. Nada disso é verdadeiro. Aquela praça de guerra cahiu no dia 18 de julho, quando sua defesa estava a cargo do tenente-coronel Moraes Pinto. A tropa commandada por esse official ia ser envolvida pela tropa do major Dilermando de Assis, que tendo passado o rio Itararé, no lugar denominado Passo do Cypriano, fazia um movimento envolvente em direcção a Ibity, cortando as communicações do destacamento Moraes Pinto com São Paulo. Na situação em que se encontrava, toda a tropa paulista que guarnecia Itararé deveria ser totalmente aprisionada. Cheguei, felizmente, a tempo para salvá-la, deslocando o destacamento para Faxina. Quando recuamos por ordem do tenente-coronel Alfieri para Bury, assumiu o commando geral do sector o coronel Taborda, passando eu para a chefia do Estado Major. Reorganizamos a nossa tropa com elementos vindos de São Paulo e ahi ferimos a primeira batalha de Bury, que não foi victoria nossa pelo não cumprimento de ordens do destacamento que se achava em Capão Bonito e Guapiara. A linha do sul recuou para trás do Paranapanema, tendo recebido novas forças. Foi quando o coronel Taborda me deu o commando do destacamento que ia tentar uma marcha para a frente e assim, tendo atravessado o Paranapanema, rechassamos o inimigo, atirando-o

novamente até Bury. Em combates diários aguentamos a linha de Victorino Carmillo, e ahi se deu a segunda batalha de Bury, que durou dois dias. Nesse combate, 900 voluntarios paulistas, apoiados por uma peça de artilharia, com 57 tiros, bateu-se durante dois dias contra 6.000 inimigos apoiados por 32 peças de artilharia. Infringimos taes perdas no inimigo que toda a nossa tropa pôde quebrar contacto com os defensores da dictadura e se estabelecer novamente na linha de Aracassu, prompta para uma segunda offensiva. Apesar da superioridade de homens e de armas, o inimigo não ousou perseguir o nosso destacamento e ahi nos aguentamos até o dia 1.º de outubro, quando o nosso companheiro coronel Tenorio de Brito foi atacado rudemente por dois batalhões de Pernambuco. Os reforços mandados por mim áquelle bravo oficial, que era minha ala direita, chegaram a tempo e os pernambucanos foram rechassados. A nossa offensiva foi tão fulminante que os adversários tiveram que se atirar no Paranapanema, onde muitos se afogaram para não cahir prisioneiros. Quando ia se desenvolver a ação sobre o flanco esquerdo, recebi uma ordem de retrahimento geral para Peixoto Gomide, onde tínhamos de fazer nova linha de resistêcia. O inimigo, como das outras vezes, não ousou perseguir-nos e fizemos o retrahimento todo para Itapetininga, onde soubemos, então, do final da revolução.

PÓS-CONFLITO

Em 1939, foi nomeado diretor comandante da Guarda Civil do Estado de São Paulo, corporação que veio a se fundir com a Força Pública em 1970, cujo resultado foi a atual Polícia Militar do Estado de São Paulo (PMESP).

Em 1941, foi condecorado pelo governo brasileiro, representado na cerimônia pelo interventor Ademar de Barros, com a Medalha da Victória e a Cruz de Campanha por conta do conjunto de seus serviços prestados a nação ao longo de sua carreira.

Ainda na década de 1940, após deixar o comando da Guarda Civil, foi Secretario de Segurança Pública do Governo de São Paulo. Faleceu na cidade de São Paulo, no 7 de setembro de 1948.

Referências consultadas pelos autores para elaboração deste texto:

Anuário genealógico brasileiro (v9, 1947), Revista genealógica brasileira (5-6ª ed, 1942), Herculano C. Silva - "A Revolução Constitucionalista" (1932), Joaquim J. A. Bastos - "Palmo a Palmo" (1932), Aureo de Almeida Camargo - "A Epopeia" (1933) e periódicos da época.

RECONHECIMENTO E AGRADECIMENTO DEVIDOS
AOS AUTORES DESTE TEXTO



Guardiões de 32

A Sociedade Veteranos de 32-MMDC, na sua sucursal em Itapetininga, SP, parabemiza os autores deste texto, os **Guardiões de 32**, pela elaboração desta significativa pesquisa e os efusivamente agradece pela oportunidade de tê-lo replicado e divulgado no portal **mmmd.itapetininga.com.br** a fim de contribuir para o conhecimento e a divulgação do histórico de vida do valoroso Cel Christiano Klingelhofer, ex-combatente da I Guerra Mundial e da Revolução Constitucionalista de 1932.

A publicação original deste texto se encontra no seguinte link:
<https://qrqo.page.link/u5twg>

Página dos Guardiões de 32 em rede social:
<https://www.facebook.com/Guardioesde32/>



SOCIEDADE VETERANOS DE 32-MMDC

Monumento Mausoléu ao Soldado Constitucionalista de 32
Praça Ibrahim Nobre, São Paulo/SP, Tel: (11) 3105-8541

Utilidade Pública pela Lei Estadual 5.530 de 14/1/1960 e pelo Decreto Municipal 8.790 de 23/5/1970